

a Graça do
**ARREPEN
DIMENTO**

SINCLAIR
FERGUSON

a Graça do
**ARREPEN
DIMENTO**

SINCLAIR
FERGUSON

 **FIEL**
Editora

A Graça do Arrependimento Traduzido do original em inglês *The Grace of Repentance*
Copyright © 2010 the Alliance of Confessing Evangelicals

Publicado por Crossway
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187

Copyright©2013 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a
permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Diretor: James Richard Denham III.
Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Francisco Wellington Ferreira Revisão: Marilene Paschoal
Diagramação: Rubner Durais Capa: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-210-0



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

1. A História do Monge

2. O Arrependimento Bíblico

3. Davi: um Estudo de Caso

4. Uma Ameaça Medieval

5. O Caminho de Volta

6. O que Faremos?

PREFÁCIO

Não estamos em dias bons para a igreja evangélica. E todos aqueles que se afastam por um momento do que está acontecendo e tentam avaliar nossa vida e nosso tempo entenderão isso.

Nos últimos poucos anos, diversos livros foram publicados com o propósito de entender o que está acontecendo. E todos dizem quase a mesma coisa, embora os autores procedam de contextos diferentes e realizem ministérios diferentes. Um destes livros foi escrito por David F. Wells, um professor de teologia no Gordon-Conwell Theological Seminary, em Massachusetts. O livro se intitula *No Place for Truth* (Nenhum Lugar para a Verdade). Um segundo livro foi escrito por Michael Scott Horton, vice-presidente da *Alliance of Confessing Evangelicals*. Seu livro se chama *Religião de Poder*. Um terceiro livro foi escrito por John F. MacArthur, o famoso pastor da Grace Community Church, na Califórnia. O livro se chama *Com Vergonha do Evangelho*. Cada um destes autores escreveu sobre a igreja evangélica, não a igreja liberal, e qualquer pessoa pode ter uma ideia do que eles estão dizendo ao considerar apenas os títulos.

No entanto, os subtítulos são ainda mais reveladores. O subtítulo do livro de Wells diz *O que Aconteceu com a Teologia Evangélica?* O subtítulo do livro de Horton é *A Igreja sem Fidelidade Bíblica e sem Credibilidade no Mundo*. O subtítulo da obra de John MacArthur diz *Quando a Igreja se Torna como o Mundo*.

Quando juntamos estas coisas, compreendemos que estes observadores atentos do cenário atual da igreja perceberam que, hoje, o evangelicalismo está seriamente errado porque abandonou seu legado de verdade evangélica. A tese do livro de Wells é que a igreja evangélica ou está morta ou morrendo como uma força religiosa significativa, porque esqueceu o que ela sustenta. Em vez de fazer a obra de Deus à maneira de Deus, o evangelicalismo contemporâneo está tentando construir um reino terreno próspero com instrumentos seculares. Por conseguinte, apesar de nosso sucesso aparente, temos “vivido numa felicidade ilusória”, declarou Wells em uma palestra para a *National Association of Evangelicals*, em 1995.

John H. Armstrong, um membro fundador da *Alliance of Confessing Evangelicals*, editou um livro intitulado *The Coming of Evangelical Crisis* (A Vinda da Crise Evangélica). Quando lhe perguntaram, não muito depois, se pensava que a crise ainda estava por vir ou se já estava realmente aqui, ele admitiu que, em sua opinião, a crise já está entre nós.

A *Alliance of Confessing Evangelicals* está abordando este problema por meio de seminários e conferências, de programas de rádio, da revista *Modern Reformation*, de Sociedades de Reforma e de escritos de eruditos. A série de livretes sobre as questões de hoje é um esforço adicional nesta mesma direção. Se você está preocupado com o estado atual da igreja e tem sido ajudado por esses livretes, nós o convidamos a entrar em contato com a Alliance por meio de nosso website: www.alliancenet.org. Sob a direção de Deus, gostaríamos de trabalhar com você “em favor de uma Reforma moderna”.

James Montgomery Boice

Alliance of Confessing Evangelicals

Capítulo 1

A HISTÓRIA DO MONGE

Era o ano de 1517. A Europa era um continente católico romano, e Leão X era o papa, um homem “tão elegante e tão indolente quanto um gato persa”, como Roland Bainton o descreveu (*Here I Stand* [Nashville:Abingdon, 1978], p. 58). Leão X precisava de dinheiro para completar um grande projeto de edificação já em andamento, uma nova Basílica de São Pedro, que estava sendo construída para substituir sua antecessora que havia sido condenada. Ele precisava de muito dinheiro! Enormes, superabundantes recursos em dinheiro!

A intriga que se desenvolveu parece uma novela moderna. Alberto de Brandenburgo queria o arcebispado de Mainz e o primado de toda a Alemanha que viria com o arcebispado. Por essa razão, ele emprestou dinheiro da grande família de banqueiros alemães Fugger, pagou ao papa e, em troca, recebeu não somente o arcebispado, mas também o privilégio de outorgar indulgências em seu território por oito anos. As indulgências podiam livrar almas dos sofrimentos do purgatório por extensos períodos de tempo, talvez para sempre. Todavia, o negócio era complexo. Alberto precisava quitar seu empréstimo. Mas, além disso, quaisquer “lucros” teriam de ser divididos meio a meio entre a Basílica de São Pedro e o Banco Fugger.

O novo primado precisava de um vendedor eclesiástico para levantar o dinheiro, e esse homem estava disponível no grande vendedor de indulgências

Johannes Tetzel. Tetzel havia dominado a arte de comunicar aos filhos e filhas os apelos de seus pais mortos para serem libertados das chamadas em que padeciam. Quando foi promovido ao seu grau de doutorado, Tetzel defendeu a tese:

*Logo que uma moeda no cofre tilintar,
Do purgatório uma alma liberta será.*

Esse tinha sido o ensino do papa Sisto IV, era o evangelho de Tetzel, e, no geral, essa era a condição da cristandade.

No outono de 1517, o grande mercador de indulgências estava bem perto da paróquia de Wittenberg, e os paroquianos podiam se apinhar para ouvi-lo e comprar sua mercadoria. No fim do mês, na véspera do Dia de Todos os Santos, um monge preocupado e aflito, da ordem agostiniana, que tinha 33 anos de idade, foi quietamente à igreja do castelo e fixou na porta um cartaz que listava uma série de pontos teológicos que ele havia preparado para debater e defender. Ele não era uma pessoa bem conhecida e popular. Era um professor da Bíblia, um erudito e um mestre. Suas teses estavam escritas em latim, que as pessoas comuns não entendiam. Ele não tinha a menor ideia de que sua ação provocaria uma revolução espiritual.

O nome desse monge era Martinho Lutero. E seu cartaz era as famosas 95 Teses, um documento que provavelmente tem sido mais influente na história do que a Carta Magna da Inglaterra ou a Declaração de Independência dos Estados Unidos.

As teses de Lutero continham afirmações importantes que abalaram a igreja e levaram ao que chamamos de Reforma Protestante. Elas são amplamente elogiadas como uma das grandes afirmações evangélicas da história. Cada ano, elas são celebradas em cultos do Dia da Reforma. Ainda hoje os cristãos defendem

posições firmes por meio de um apelo ao princípio de Lutero: “Aqui permaneço, não posso fazer outra coisa. Deus me ajude”.

A primeira das teses de Lutero pôs o machado à raiz da árvore da teologia medieval:

Quando nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, disse: “Arrependei-vos”, ele queria dizer que toda a vida dos que creem deve ser uma vida de arrependimento.

Lutero havia estudado a nova edição do Novo Testamento Grego publicada pelo erudito humanista Erasmo. Nestes estudos, ele chegara à compreensão de que a Vulgata Latina, a Bíblia oficial da igreja, havia errado ao traduzir a palavra “arrependimento” por *poenitentiam agite* (fazer penitência), em Mateus 4.17, dando assim um sentido totalmente errado ao que Jesus queria dizer. Lutero percebeu que o evangelho exige não um ato de penitência e sim uma mudança radical da mente que levaria a uma profunda transformação da vida. Depois, ele escreveria ao seu vigário, Johannes Staupitz, sobre esta descoberta fascinante: “Arrisco-me a dizer que estão errados aqueles que valorizam mais o ato, no latim, do que a mudança de coração, no grego” (Bainton, *Here I Stand*, p. 67).

Assim começou a Reforma. E, no seu âmago, está a grande descoberta de Lutero: o arrependimento é uma característica de toda a vida e não uma ação de um momento único. A salvação é um dom, recebido somente em Cristo, somente pela graça e somente pela fé. *Mas é salvação*, e salvação significa que estamos sendo realmente salvos. Do contrário, não chegamos a conhecer Cristo, o Salvador.

É isso que pensamos sobre o arrependimento? Ou tendemos a pensar que o arrependimento é algo de que nos alegramos por já ter ficado para trás e nunca mais deve ser repetido? Nas igrejas contemporâneas, é muito provável que nos dirão não somente que podemos nos tornar cristãos sem arrependimento, mas também que podemos permanecer cristãos sem o arrependimento, sendo *caruais*

até ao fim de nossos dias. Por contraste, nossos antepassados eram convictos de que o arrependimento é tão central ao evangelho que sem o arrependimento não pode haver salvação. Eles acreditavam nisto, porque isto é o ensino da Bíblia.

Capítulo 2

O ARREPENDIMENTO BÍBLICO

Visto que o arrependimento é um conceito importante para entendermos o verdadeiro evangelho bíblico, não é surpreendente descobrirmos que as Escrituras têm um vocabulário amplo e vívido para descrevê-lo.

O vocabulário do Antigo Testamento

Duas metáforas do Antigo Testamento expressam o rigor, a completude e até a dor que podem estar envolvidos no arrependimento: *circuncidar o coração* (Jr 4.4) e *arar o campo de pousio* (Os 10.12). *Shub*, a palavra hebraica que domina a linguagem de arrependimento, é um dos verbos usados mais frequentemente no Antigo Testamento. É usado mais de 100 vezes somente no livro de Jeremias. Significa mudar o curso de uma ação, mudar de rumo e voltar para trás. Esta mudança pode se referir à apostasia, um *afastar-se* de Deus (Nm 14.43; Js 22.16, 18, 23, 29; 1 Sm 15.11; 1 Rs 9.6). Mas ela denota predominantemente um afastar-se da rebelião contra Deus e voltar-se *para* Deus. Significa uma reversão completa.

Esta linguagem ocorre com frequência dentro do contexto das relações da aliança de Deus com seu povo. Nessa aliança, Deus fez provisão de ser gracioso para com aqueles que se rebelaram contra ele. Por isso, ele os exorta a se voltarem para ele, ararem seu coração que se tornara endurecido e a circuncidarem seu coração que estivera encoberto com o espírito do mundo e da carne.

O mesmo verbo é usado no Antigo Testamento para falar do retorno do povo de Deus do exílio. Por causa de sua rebelião, eles permaneceram no país distante. Mas Deus fora gracioso; e eles deviam fazer o caminho de volta para o lugar no qual ele prometera abençoá-los. O arrependimento é o equivalente moral e espiritual desse retorno geográfico. Torna-se possível somente por causa da aliança de misericórdia de Deus.

O que está envolvido nesse arrependimento? Duas coisas:

1. *Reconhecer que ofensas foram cometidas contra Deus e contra a aliança que ele fez com seu povo.* O Salmo 51, no qual Davi reconhece que seu pecado foi somente *contra Deus* (v. 4), reflete esta orientação de aliança. De modo semelhante, Isaías retrata o povo como filhos da aliança que se rebelaram contra seu Pai. A consequência inevitável é que eles acabaram na “terra longínqua” do exílio, como já haviam sido ameaçados na lei de Moisés (Dt 28.36). Portanto, o arrependimento envolve o reconhecimento de que estamos sob o julgamento da aliança de Deus por nossa rejeição das obrigações de fé e obediência que temos para com Deus (Dt 28.15). É a compreensão de que a jornada de retorno envolve a reversão da jornada que antes fora para fora e para baixo.

2. *Afastar-se do pecado em vista das graciosas provisões que o Senhor fez por nós em sua aliança.* O arrependimento significa retornar ao espírito da condição de criatura diante do Criador, em reconhecimento de sua misericórdia para com crentes arrependidos (Dt 30.11-20). A impiedade é, portanto, rejeitada, e a justiça é abraçada. No Antigo Testamento este espírito de arrependimento é criado por um senso de quem Deus é e por uma consciência do verdadeiro caráter do pecado. É uma resposta centrada em Deus; na verdade, o começo da verdadeira centralidade em Deus. O afastar-se do pecado e o voltar-se para Deus andam juntos.

O vocabulário do Novo Testamento

No Novo Testamento, três verbos são usados em conexão com o arrependimento. O primeiro verbo (*epistrepho*) enfatiza a ideia de voltar-se para trás, sendo usado em diversas ocasiões no sentido de converter e retornar para o Senhor (At 26.20). Os tessalonicenses voltaram-se *dos ídolos para* Deus, para servirem ao Deus vivo e verdadeiro (1 Ts 1.9).

O segundo verbo (*metamelomai*) ocorre relativamente poucas vezes no Novo Testamento (Mt 21.29, 32; 27.3; 2 Co 7.8; Hb 7.21). Comunica a ideia de tristeza. É um estado da mente que pode ou não ser acompanhado por retornar a Deus.

O terceiro verbo (*metanoeo*) é a principal palavra usada no Novo Testamento para transmitir o significado de arrependimento. No grego clássico, ela pode significar saber ou ficar ciente de alguma coisa posteriormente. Isso coloca as nossas ações passadas em uma luz diferente. Basicamente, *metanoeo* envolve uma mudança da mente. Entretanto, no Novo Testamento isso tem implicações significativas. O arrependimento significa uma mudança da mente que leva a uma mudança do estilo de vida.

Ulrich Becker resume o ensino do Novo Testamento nestas palavras:

Arrependimento, contrição e conversão estão intimamente ligados. Sempre que alguém dá uma nova direção ao seu pensamento e à vida, isso sempre envolve um julgamento em seus pontos de vista e comportamentos anteriores. Isto é expresso no Novo Testamento por três grupos de palavras que lidam com seus vários aspectos: *epistrepho*, *metamelomai* e *metanoeo*. A primeira e a terceira significam, ambas, volver-se e se referem à conversão do homem. Isto pressupõe e inclui uma mudança completa sob a influência do Espírito Santo. *Metamelomai* expressa o sentimento de arrependimento pelo erro, dívida, falha e pecado, e, sendo assim, olha para trás. Portanto, ela não faz necessariamente um homem voltar-se para Deus. *Epistrepho* é, provavelmente, a concepção mais ampla, porque sempre inclui a fé.¹

À primeira vista, pode parecer que, no Novo Testamento, o arrependimento não possui mais as conotações da aliança do Antigo Testamento. Mas o contrário é a verdade. No Novo Testamento, a aliança alcança sua plenitude na vinda do

reino de Deus em Jesus Cristo e na inauguração dos últimos dias. A promessa da aliança já não é mais proeminente porque se cumpriu. Em um sentido, a aliança é Cristo. O foco da atenção não está mais em uma promessa e sim em uma pessoa.

Por essa razão, a mensagem do Novo Testamento não é: “Esta é a aliança de Deus; portanto, arrependam-se”. Em vez disso, a mensagem é: “O reino de Deus chegou na pessoa de Jesus; portanto, arrependam-se e creiam nele”. A linguagem orientada para o reino e centrada em Cristo predomina agora, não porque a aliança foi abandonada, mas porque este sempre foi o foco da aliança. O reino chegou. Portanto, falar do reino de Deus e da necessidade de arrependimento é falar na linguagem da aliança da graça de Deus!

É precisamente esta ideia do Antigo Testamento que Jesus transforma em uma parábola da graça de Deus, com o assunto da conversão, usando a história do filho que manifestou indiferença pródiga para com seu pai e acabou indo para uma “terra distante”. Somente mais tarde, a recordação dos suprimentos na casa de seu pai o trouxe de volta a si mesmo e, depois, à casa de seu pai (Lc 15.11-32). A autoabsorção do filho, a sua busca por prazer, em lugar da busca por comunhão com seu pai, levou à sua falência, em uma terra distante. Somente quando foi despertado quanto à sua tolice e, simultaneamente, às provisões que até os servos da casa de seu pai desfrutavam, ele começou a dolorosa viagem de volta ao lar. Como os exilados, o caminho de volta para o filho pródigo era mediante o reverter a direção de sua jornada.

O arrependimento bíblico é, portanto, não apenas um senso de tristeza que nos deixa onde nos achou. É uma reversão radical que nos faz voltar as costas para a longa estrada de nossas vagueações pecaminosas, criando em nós uma mentalidade totalmente diferente. Espiritualmente, voltamos aos nossos sentidos (Lc 15.17). Por isso, a vida do filho pródigo deixou de ser caracterizada pela exigência de “dá-me” (v. 12), e sim pelo pedido de “trata-me” (v. 19).

Isto está muito evidente no ensino do Novo Testamento. Haverá tristeza, mas a essência do arrependimento é a reversão moral e espiritual que continua por toda a vida, quando nos submetemos ao Senhor.

A necessidade de arrependimento

O arrependimento é essencial à salvação. Duas vezes, no mesmo contexto, Jesus enfatiza isto: “Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lc 13.3, 5). Deus ordena que todos os homens, em todos os lugares, se arrependam, porque estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de Cristo (At 17.30-31). O arrependimento “é de tal modo necessário aos pecadores, que sem ele ninguém poderá esperar o perdão” (*Confissão de Fé de Westminster*, XV, 3).

A salvação é salvação do pecado. Isso significa mais do que perdão; inclui a santificação, uma vida transformada. Envolve os que são salvos em um afastarem-se do pecado. Esse afastar-se é o arrependimento. Não há salvação, se continuamos no pecado (Rm 6.1-4; 1 Jo 3.9).

Isto significa que somos perdoados com base em nosso arrependimento? Não, de maneira alguma! O arrependimento e a fé são, ambos, necessários à salvação, mas estão relacionados à justificação de maneiras diferentes. A fé sozinha é o instrumento pelo qual Cristo é recebido e crido como Salvador. A justificação é pela fé e não pelo arrependimento. Mas a fé (e, portanto, a justificação) não pode existir onde não há arrependimento. O arrependimento é tão necessário à salvação pela fé quanto o calcanhar é para o andar. Um não age sem o outro. Eu não posso ir a Cristo com fé, sem afastar-me do pecado com arrependimento.

A fé é crer em Cristo; o arrependimento é afastar-se do pecado. Estes são os dois lados da mesma moeda de pertencer a Cristo.

Elementos do arrependimento

O arrependimento não é uma ideia abstrata. É a atividade única de indivíduos diferentes. Portanto, isso implica que a experiência real de arrependimento variará de pessoa a pessoa, como variará a consciência de *seu próprio* pecado. A misericórdia de Deus não é um remédio aplicável universalmente para o pecado; é prescrita para a pecaminosidade de cada indivíduo, para a sua culpa específica. A experiência individual do arrependimento assumirá uma forma exclusiva, embora compartilhe de um padrão comum.

O grande teólogo holandês Herman Bavinck escreveu palavras sábias a respeito deste assunto:

O arrependimento, apesar de sua singularidade em essência, é diferente em forma, de acordo com as pessoas em quem ele acontece e as circunstâncias em que acontece. O caminho em que os filhos de Deus vivem é único, mas eles são guiados de maneiras variadas nesse caminho e têm experiências distintas. Que diferença há no guiar que Deus ministrou para os diferentes patriarcas! Que diferença há na conversão de Manassés, Paulo e Timóteo! Quão diferentes são as experiências de Davi e de Salomão, de Jonas e de Tiago! E essa mesma diferença encontramos também fora das Escrituras, no campo dos pais da igreja, dos reformadores e de todos os santos. No momento em que temos olhos para ver as riquezas da vida espiritual, abandonamos a prática de julgar os outros de acordo com nossa pobre medida.

Há pessoas que conhecem apenas um método e acham que ninguém mais se arrependeu, se não pode falar das mesmas experiências espirituais que elas tiveram ou afirmam que tiveram. Mas a Escritura é muito mais rica e mais ampla do que a estreiteza dessas limitações. Neste aspecto, também se aplicam as palavras: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos” (1 Co 12.4-6).

O verdadeiro arrependimento não consiste do que os homens pensam sobre ele, mas do que Deus diz sobre ele. Na diversidade de providências e experiências, o arrependimento tem de consistir na morte do velho homem e no surgimento do novo homem.²

Nesta estrutura geral, há vários elementos que são comuns a todas as incidências de arrependimento bíblico.

1. *Uma nova atitude para com o pecado.* Isto será acompanhado inevitavelmente por um senso de vergonha e tristeza por nosso pecado (Lc 15.18-19; Rm 6.21). Duas coisas devem ser notadas:

Primeira, o arrependimento não pode ser definido exclusivamente como vergonha e tristeza. Judas, por exemplo, ficou “arrependido” (Mt 27.3 – ARC), mas isso não foi arrependimento evangélico. Em vez disso, foi uma tristeza que o dominou e o levou, por fim, ao desespero e à morte infligida a si mesmo. Paulo chamou isso de “a tristeza do mundo [que] produz morte” (2 Co 7.10). Por contraste, o arrependimento de Davi, que também foi marcado por remorso e tristeza, foi evangélico porque foi centrado em Deus e não em Davi mesmo. Ele reconheceu e respondeu ao fato de que agira impiamente e cometera pecado *contra Deus*. Seu arrependimento incluiu a esperança de perdão e nova vida (Sl 51).

Segunda, esta nova atitude será tão concreta quanto o pecado ao qual a nova atitude é dirigida. Visto que, em espírito de obediência, o arrependimento significa deixar para trás o caminho anterior de desobediência, o arrependimento é operado em obediência aos mandamentos específicos de Deus (Dt 30.2). Portanto, nos evangelhos, o arrependimento ao qual o jovem rico foi chamado, envolvia desenvolver autonegação na própria área que era marcada por autossatisfação – vender tudo que possuía, dar o dinheiro aos pobres e, depois, seguir a Jesus. No caso de Zaqueu, o arrependimento significou devolver o que havia sido tomado injustamente. Paulo descreve o arrependimento que emana do coração regenerado como as justas exigências da lei que se cumprem naqueles que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8.4).

2. *Uma nova atitude para com o ego.* Inevitavelmente, o arrependimento envolve também uma mudança de atitude para comigo mesmo. Significa a morte dos velhos caminhos, e o crucificar a carne. O arrependimento inicial é apenas o começo de um processo contínuo em que o estilo de vida do velho ego é desfeito

e levado à morte. Os antigos escritores chamavam isso de “a mortificação do pecado”.

Esse arrependimento é *radical*. Envolve concordar com o julgamento de Deus sobre meu pecado e minha vida, justificando a Deus em sua justiça e condenando a mim mesmo em minha pecaminosidade. É tomar a cruz, negar a mim mesmo, despojar-me do velho homem (Ef 4.22; Cl 3.9) e crucificar a carne com suas concupiscências (Gl 5.24).

Este arrependimento é também *permanente*. Significa nem mesmo pensar sobre como satisfazer à “carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14). “Nada disponhais”! Foi para os cristãos que Paulo escreveu estas palavras, descrevendo o que significa uma vida de arrependimento. Significa recusa contínua, persistente e resoluta de comprometer-se com o pecado. O cristão é uma nova pessoa em Cristo, mas é imperfeitamente renovado. Ele morreu para o pecado e foi ressuscitado para uma nova vida. Mas esta mortificação e vivificação continua através de todo o curso de sua vida na terra. Não somos mais o que éramos antes, mas não somos ainda o que Deus nos chama a tornar-nos. E, visto que esse é nosso caso, somos chamados a uma batalha contínua por santidade.

3. *Uma nova atitude para com Deus*. O arrependimento implica uma mudança de atitude para com Deus. Nenhum dos dois primeiros elementos poderia existir sem este. E devemos desenvolvê-lo. Há uma nova consciência da santidade e da justiça de Deus, mas há também um reconhecimento de sua graça e misericórdia admiráveis e abundantes.

O arrependimento procede de um conceito verdadeiro a respeito de Deus. Se ele observasse iniquidades, ninguém poderia subsistir, mas com Deus está o perdão, para que ele seja temido (Sl 130.3-4). O arrependimento evangélico, o começo e a continuação desta vida de temor santo, é sempre concedido ao homem com a promessa e a esperança de perdão. Essa é a razão, por exemplo, por

que o arrependimento do povo, nos dias de Esdras, foi encorajado pela perspectiva de que “ainda há esperança para Israel” (Ed 10.2).

Nos evangelhos, o arrependimento genuíno de Simão Pedro, depois de sua negação de Cristo, parece ter sido um contraste deliberado com a tristeza segundo o mundo e o desespero final de Judas. Foi produzido por sua lembrança da palavra do Senhor, que, neste caso, incluía esta promessa: “Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.32). A bondade de Cristo levou Pedro ao arrependimento (Rm 2.4).

Este também era o ensino sábio de cristãos no passado:

Pelo arrependimento, o pecador, movido pelo reconhecimento e pelo senso, não somente do perigo, mas também da imundícia e da odiosidade de seus pecados, como contrários à natureza santa e à justa lei de Deus, e *pela apreensão de sua misericórdia em Cristo aos que são penitentes*, se entristece e odeia seus pecados e, deixando todos eles, se volta para Deus, tencionando e se esforçando para andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos.³

1. *New International Dictionary of New Testament Theology*, ed. Colin Brown [Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1975-78], vol. 1, pp. 353-354

2. Herman Bavinck. *Our Reasonable Faith* [Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1956], p. 438

3. *Confissão de Fé de Westminster*, XV, 2

Capítulo 3

DAVI: UM ESTUDO DE CASO

J á estabelecemos o fato que precisamos nos arrepender e que devemos nos arrepender constantemente. Como devemos fazer isso? Aqui, podemos nos voltar ao Salmo 51, um salmo que foi escrito por Davi para ajudar-nos a responder esta pergunta. Por ter de buscar o perdão para si mesmo, Davi escreveu para ensinar “aos transgressores os caminhos” de Deus, para que estes se convertam a ele (v. 13).

Arthur Weiser disse que o Salmo 51 não é

a atitude de fuga de uma consciência deprimida, mas o conhecimento claro de um homem que, chocado pelo conhecimento [de sua pecaminosidade], se tornou cômico de sua responsabilidade; é o conhecimento que exclui todo tipo de autoengano, por mais bem-vindo que ele seja, e vê as coisas como elas realmente são.¹

O Salmo 51 foi composto depois que Davi foi confrontado quanto a seu adultério com Bate-Seba e sua cumplicidade no assassinato de Urias, o marido de Bate-Seba. Davi foi trazido à consciência de seu próprio erro por meio da palavra de Natã, o profeta da corte (2 Sm 11-12). E, neste salmo, ele descreveu o caminho

do arrependimento pelo qual conheceu a misericórdia de Deus. Há vários passos ou estágios importantes ao longo deste caminho de arrependimento.

Descobrendo a verdade

Davi teve de descobrir a verdade a respeito de si mesmo. Sua alma era como uma cebola, coberta por camada após camada de autoengano e fingimento, que o impediam de reconhecer sua verdadeira condição espiritual. Mas tudo isso foi exposto, e, neste salmo, Davi confessou seu pecado em uma série de palavras vívidas.

Versículo 1. “Transgressões” (*pesha*) transmite a ideia de autoafirmação. A insensatez de Davi consistiu em fazer de si mesmo o centro do universo – a obra típica do pecado. O pecado coloca de lado qualquer rival, seja homem (nesse caso, Urias), seja Deus. Ter servido bem no passado como um guerreiro e servo fiel, à semelhança de Davi, não é uma desculpa para o pecado presente.

Versículo 2. “Iniquidade” (*awon*) expressa uma tortuosidade ou distorção que destrói tudo. Como pecador, eu tenho um defeito fatal. Feito para a glória de Deus, fico aquém dessa glória (Rm 3.23). Em vez de glorificar a Deus com uma vida centrada nele, glorifico a mim mesmo e, assim, perverto o que sou. Se não me volto para Cristo, em vez de gozar a Deus para sempre, nada gozarei para todo o sempre.

Versículos 2 e 3. “Pecado” (*chattath*) denota fracasso. Davi havia errado o alvo. Como o filho pródigo, ele tinha estragado seu destino.

Versículo 4. “Mal” (*ra*) é mal contra Deus. Davi fizera o que era errado aos olhos de Deus. Até àquele momento, ele julgara tudo no nível horizontal: “Todo o mundo faz isso; e, de qualquer maneira, eu sou o rei”. Mas Deus abriu os olhos de Davi para a verdade chocante a respeito de si mesmo. As obras más são o fruto de um coração mau. As obras más não são apenas uma aberração de nosso verdadeiro “eu” e sim uma revelação dele.

Quando nos defrontamos com a verdadeira natureza do pecado, usamos palavras honestas para descrever a nós mesmos: “transgressões... iniquidade... pecado... mal”. Começamos a usar a primeira pessoa do singular, falando em *minhas* transgressões, *minha* iniquidade, *meu* pecado, *meu* mal. É *minha* culpa. “Pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno” (Lc 15.21). Não evitamos a verdade. Sou eu quem não tem “a verdade no íntimo” (Sl 51.6). Este pecado também não é uma falha nova: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (v. 5). Esta última linha não é uma tática de esquivo. Significa que, por fim, percebo que o meu pecado está entretecido na própria essência de meu ser. Sou congênita e inescapavelmente pecaminoso. Isso é o que eu realmente sou.

Somente quando percebo isso e clamo de acordo com isso, eu vejo realmente a minha necessidade de graça. E somente aqueles que experimentaram as profundezas de sua necessidade podem experimentar as doçuras do perdão de Deus. Somente essa autorrevelação nos leva a experimentar a dor purificadora da brasa viva procedente do altar de Deus (Is 6.6-7). Ela queima e é dolorosa, mas traz perdão.

Os efeitos do pecado

Temos uma tendência de procurar acelerar o arrependimento, porque achamos que só conseguimos suportar a sua dor por pouco tempo. Foi uma marca da graça na vida de Davi o fato de que ele percebeu que os caminhos de Deus são mais lentos, mais profundos e mais sábios do que os nossos.

O que o pecado causa em nós? Seus efeitos são multiformes.

1. *O pecado produz culpa*. “Eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim” (v. 3). O arrependimento de Davi começou quando seu coração endurecido foi atingido. Depois, o dilúvio de sentimentos de culpa resultantes foi incontrolável. Davi não o podia parar; era profundamente

culpado. Essa é a razão por que sua oração não foi: “Faça-me sentir melhor” e sim: “Compadece-te de mim” (v. 1).

2. *O pecado contamina.* O pecado é multidimensional (“transgressões”, “iniquidade”, “pecado”, “mal”), e sua infecção penetra profundamente. O desejo de Davi pelo remédio divino ressalta isso. Ele sentiu como se os seus pecados tivessem sido gravados em uma tabuleta de barro. Por isso, ele clamou: “Apaga as minhas transgressões” (v. 1). Ou seja, quebra a tabuleta, destrói todos os registros permanentes de minha culpa. Esta é a minha única esperança, porque, “se observares, SENHOR, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?” (Sl 130.3). A culpa do pecado era como uma mancha indelével que maculava sua vida e caráter. Ele rogou: “Lava-me completamente da minha iniquidade” (v. 2). “Multiplica as lavagens” era o que ele estava realmente dizendo.

Na Escócia, o país onde nasci, há quarenta anos, não era comum uma família possuir uma máquina de lavar. Quando meninos, jogávamos futebol nos campos sujos, não na grama, e nossos campeonatos escolares aconteciam geralmente na chuva de inverno. Minha mãe esfregava a sujeira de minha camisa de futebol em uma tábua de esfregar, coberta de sulcos redondos de metal. Era um trabalho árduo, porque ela removia manualmente a sujeira arraigada. Era rude para as suas mãos, bem como para as roupas.

Esse é o tipo de quadro que Davi tinha em mente. Não podemos remover a sujeira por nós mesmos, como Jeremias ressaltou:

Pelo que ainda que te laves com salitre e amontoes potassa, continua a mácula da tua iniquidade perante mim, diz o SENHOR Deus.²

Somente Deus pode purificar meu coração. Por isso, Davi orou: “Purifica-me do meu pecado” (v. 2). Embora as lágrimas de um coração contrito limpem a

sujeira de nossa visão e nos capacitem a ver a verdade a respeito de nós mesmos, somente Deus pode purificar nossa consciência da culpa.

3. *O pecado leva a insensatez e autoengano.* O pecado me torna insensato, e, por essa razão, eu preciso aprender “a sabedoria” no lugar mais íntimo. Engano a mim mesmo por meio de meu pecado. Em minha insensatez, acho que Deus não me vê, nem detecta meus pensamentos, ou que ele não se importa com o pecado, ou que o pecado não tem consequências devastadoras, ou que o pecado não é importante.

As palavras de Tiago, escritas muito tempo depois, quase parecem ser um comentário sobre a experiência de Davi: “Cada um é tentado pela sua própria cobiça [Davi, e não Deus ou Bate-Seba, foi o responsável por seu pecado], quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado [adultério espiritual; no caso de Davi, foi também adultério físico]; e o pecado, uma vez consumado [a lascívia leva ao adultério, o adultério leva ao assassinato], gera a morte [Bate-Seba dá à luz um bebê, e este morre]” (Tg 1.14-15). O versículo seguinte precisa ser gravado em nosso coração: “Não vos enganeis, meus amados irmãos” (Tg 1.16).

Quando compartilhamos deste senso de pecaminosidade e compreendemos a incapacidade de lidar com ele, aprendemos a clamar como Davi para que Deus faça algo novo: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro” (v. 10).

O verbo que Davi usou neste versículo (*bara*) ocorre pela primeira vez na narrativa da criação em Gênesis 1. Deus é sempre o seu sujeito. Este verbo descreve um ato criativo que somente ele pode realizar. Davi reconheceu isso. Somente Deus pode mudar-me; somente Deus pode purificar-me; somente Deus pode tornar meu coração disposto.

4. *O pecado nos coloca em perigo.* Davi orou: “Livra-me dos crimes de sangue” (v. 14), ou melhor, “da culpa de morte”. Ele não podia suportar os rigores da análise divina. “Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas

iniquidades” (v. 9), ele clamou. No entanto, Davi temeu muito mais que Deus o abandonasse: “Não me repulses da tua presença” (v. 11).

Este é o maior de todos os perigos. Deus sabe tudo que tentamos esconder. Para ele, o nosso coração é sempre um livro aberto. Não é surpreendente, porém, que Davi temesse que Deus o lançasse fora de sua presença (v. 11). Se isso acontecesse, a bênção de Arão (“O SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti” – Nm 6.25) seria apenas uma recordação. Seu senso da ausência de Deus seria permanente; o som de “júbilo e alegria” (v. 8) nunca seria ouvido novamente. Davi não tinha defesa alguma para apresentar.

Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar (v. 4).

Diante de Deus, toda boca tem de ser considerada culpada. Nenhum apelo é permitido. Não podemos apelar à qualidade de nossa vida, nossas boas obras ou nossa espiritualidade. Nem podemos apelar às nossas ideias confusas sobre a justiça de Deus. “Ele será justo para comigo” é verdadeiro, mas a realidade é apavorante.

Um apelo por misericórdia

Como, então, eu posso “ouvir júbilo e alegria” (v. 8) e experimentar “a alegria da... salvação” (v. 12)? Somente por meio de lançar-me sobre a graça de Deus. Assim, clamamos: “Compadece-te de mim”. E nos lembramos da “benignidade” de Deus e da multidão das suas “misericórdias” (v. 1). Rogamos: “Apaga as minhas transgressões... Lava-me... purifica-me” (vv. 1-2).

A palavra hebraica traduzida por “compadece” (v. 1) está relacionada à palavra que significa “o ventre”. Portanto, Davi estava pedindo a Deus que se lembrasse de que ele era uma criatura, planejada por Deus na eternidade, alimentada e

preservada por ele durante toda a vida. A criança nascida de Bate-Seba podia já ter morrido quando Davi escreveu estas palavras; assim, Davi estaria muito consciente da perda de amor que uma mãe sente por uma criança que antes vivera em seu ventre. Davi estava apelando desesperadamente àquilo que do coração de Deus é refletido nesse amor? Deus não ouvirá o clamor de um coração que está esmagado e partido?

Davi estava apelando ao amor pactual de Deus (*chesedh*), o amor com o qual Deus se comprometera, e certamente se obrigara em sua promessa pactual ao seu povo.

Ousaríamos dizer: “Ó Deus, obriga-te a ti mesmo a amar-me com um amor que me salvará da culpa?” Davi fez isso, embora não pudesse saber, em última análise, o que estava pedindo. Nós sabemos. Davi estava pedindo que, por fim, Deus cobrisse o seu Filho com a nossa culpa, afastasse de Jesus o senso de seu amor paternal e nos provesse o perdão e nos cobrisse com a plenitude de seu amor. Davi estava pedindo pelo Calvário. Faço o mesmo ao pedir a Deus que eu experimente o seu “infalível amor”.

O arrependimento se desenvolve em um reconhecimento do perigo do pecado. Ele nos coloca sob o julgamento de Deus (v. 4), em perigo de sermos banidos de sua presença (v. 11) e envolve uma exposição da inerente intransigência do pecado (v. 5), visto que ele está arraigado em nossa natureza desde o ventre.

À luz disto, o verdadeiro arrependimento envolve inevitavelmente um “espírito quebrantado” (v. 17). Isso é diferente, visivelmente diferente, de um espírito altamente emocional. É um espírito em que autossuficiência e autodefesa foram atingidas e destruídas. No entanto, o arrependimento também surge no contexto de esperança e de perdão. Davi apelou à bondade do Senhor (v. 1); o clamor do penitente é dirigido Àquele que é capaz de salvar e que realmente salva (v. 14). A realidade desse arrependimento é evidenciado em uma nova preocupação com santidade. O verdadeiro arrependimento, por ser produzido num contexto de

graça, também leva à adoração e a impulsiona: “Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores” (v. 15). O Salmo 51 indica que a visão de Deus como santo e misericordioso, e esta é a visão correta sobre ele, é o único fundamento para o arrependimento evangélico genuíno. A santidade de Deus fundamenta a necessidade do arrependimento; a graça e a misericórdia de Deus fundamentam a possibilidade do arrependimento.

Consequentemente, nisso consiste a importância da afirmação de Lutero. O arrependimento não é somente o começo da vida cristã. De acordo com a Escritura, a vida cristã é arrependimento desde o começo até ao fim! Visto que o crente é *simul justus et peccator* (ao mesmo tempo justo e pecador), o arrependimento tem de ser constante.

1. *The Psalms, A Commentary* [Harrisburg, Penn.: SCM Press, 1962], p. 403

2. Jeremias 2.22

Capítulo 4

UMA AMEAÇA MEDIEVAL

Martinho Lutero pouco sabia que, por pregar suas teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, ele “pregou” o evangelho de Cristo no coração da igreja. Ele estava chamando a cristandade ao arrependimento.

O arrependimento que é ocupado por pensamentos de paz é hipocrisia. Tem de haver uma grande seriedade quanto ao arrependimento e uma dor profunda, se o velho homem tem de ser lançado fora. Quando um raio atinge uma árvore ou um homem, ele faz duas coisas ao mesmo tempo – parte a árvore e mata rapidamente o homem. Mas também vira em direção ao céu a face do homem morto e os galhos partidos da árvore.¹

A ênfase de Lutero no caráter radical e vitalício do arrependimento é o testemunho comum dos reformadores. João Calvino, o contemporâneo francês de Lutero, mais novo do que este, ensinava que o arrependimento é realmente a expressão concreta da regeneração e renovação proporcionadas por Deus. De fato, Calvino definiu a regeneração como arrependimento (como deixa claro o título de um capítulo de suas *Institutas da Religião Cristã*, Livro III, capítulo 3, seção 1). Além disso, Calvino nos ofereceu uma exegese detalhada do que é o arrependimento, mostrando que ele jamais pode ser separado da fé, embora não deva ser confundido com ela.

De acordo com Calvino, o arrependimento envolve três partes inseparáveis: “Negação de nós mesmos, mortificação de nossa carne e meditação na vida celestial” (*Commentary on the Acts of the Apostles, 14-28* [Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1966], p. 176).

Isto significa que o verdadeiro arrependimento nunca pode ser reduzido a um simples ato encontrado no início da vida cristã. O arrependimento surge no contexto de nossa união com Jesus Cristo. E, visto que o seu alvo é a nossa restauração à imagem de Cristo, o arrependimento envolve a prática contínua de desenvolver a nossa união com Cristo em sua morte e ressurreição – o que Calvino chamou de *mortificação* e *vivificação* (*Institutas*, III, 3, 3) – ou seja, ser conformado à imagem de Cristo crucificado e ressuscitado.

No entanto, não é somente a minha vida como indivíduo que tem de ser moldada por arrependimento. Isso tem de ser verdade também em relação a toda a igreja unida a Cristo pelo Espírito Santo. O arrependimento é desenvolvido tanto interiormente quanto exteriormente em todas as comunidades de crentes. Por isso, Calvino disse:

[Pedro] nos ensina que o governo da igreja de Cristo foi, desde o começo, constituído de tal maneira que a cruz é o caminho para a vitória, a morte é o caminho para a vida, e que isto foi claramente testificado.²

Medievalismo revivido

A ênfase dos reformadores no arrependimento foi estabelecida no contexto da teologia medieval. Mas, em vez de tornar seu ensino irrelevante para nós, esse fato nos provê a chave para sua relevância contemporânea. Outra vez, precisamos proclamar a doutrina completa do arrependimento no mundo evangélico que começa a manifestar os sintomas da mesma enfermidade medieval.

Nenhum de nós é capaz de uma análise infalível da condição da igreja no Ocidente no começo do terceiro milênio. Também não devemos desprezar as

inúmeras coisas boas que Deus tem produzido em seu povo. Graças a Deus há milhares de igrejas, algumas bem grandes, algumas pequenas, algumas famosas, algumas desconhecidas, nas quais há uma determinação séria e exultante de dar a Jesus Cristo seus direitos sublimes, em fidelidade à sua Palavra, de viver em seu Espírito, de adorar o seu nome e de amar o seu Pai. Contudo, embora tenhamos dito isso, não devemos dizer também que Cristo tem algo contra nós (Ap 2.4, 14, 20)?

Há trevas medievais invadindo o evangelicalismo. E, infelizmente, muitos de seus traços são bem recebidos como se fossem nova luz ou novo discernimento. Portanto, a possibilidade de um novo “cativeiro babilônico ou (mais acuradamente, pagão) da igreja” parece mais próxima e mais ampla do que podemos acreditar. Aqui está a evidência.

1. O arrependimento é visto como uma emoção inicial, não como uma parte vital de uma restauração vitalícia de piedade.

Ver o arrependimento como um ato isolado e completo no começo da vida cristã é um princípio que fundamenta muito do evangelicalismo moderno. Olhamos para um único ato passado, separado de suas consequências, como determinante da salvação. Nesta maneira sutil, o moderno “convite para vir à frente” se tornou o equivalente evangélico da ordenança de arrependimento. Para nós, como para a igreja medieval, o arrependimento tem sido divorciado da regeneração genuína, e a santificação tem sido separada da justificação.

Recentemente, alguns cristãos evangélicos se envolvem no que ficou conhecido como a “controvérsia da salvação por senhorio”, perguntando: “Cristo pode ser nosso Salvador e não ser nosso Senhor? Podemos crer sem sermos santificados?” A controvérsia tem raízes históricas e teológicas sofisticadas e profundas, mais profundas do que alguns de seus participantes parecem ter assimilado. No entanto, é uma controvérsia que Lutero resolveu com sua primeira tese. A ideia de que é possível receber a justificação sem a santificação, crer num

Salvador que realmente não salva, receber um novo nascimento que não dá uma vida nova ou ter uma fé que não é marcada radicalmente por arrependimento, apesar de nos unir a um Cristo crucificado e ressuscitado, não tinha lugar na teologia da Reforma.

Paulo expressou isso com clareza inconfundível ao escrever: “Os que são de Cristo Jesus *crucificaram* [ou seja, já crucificaram] a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). Falhar em viver dessa maneira é, como Calvino ressaltou vividamente, “partir [Cristo] em pedaços por meio de uma... fé mutilada”.³

No perímetro obscuro desta teologia aberrante está o evangelho de grande parte do tele-evangelicalismo. À semelhança de Tetzl, esse evangelho mascateia sua mercadoria na pequena tela, dando a entender, se não afirmando abertamente, que a bênção de Deus pode ser comprada financeiramente, em vez de ser recebida apenas com arrependimento. Tetzl dizia:

*Logo que uma moeda no cofre tilintar,
Do purgatório uma alma liberta será.*

No entanto, há uma versão contemporânea que não se acha em nenhum outro lugar, senão no evangelicalismo que diz:

*Quando o cheque ao meu bolso chega,
Chega também o aumento de bênçãos —
E, isso não é nenhuma surpresa!*

Precisamos clamar: Basta! “Quando nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, disse: ‘Arrependei-vos’, ele queria dizer que toda a vida dos que creem deve ser uma vida de arrependimento.”

2. A regra de fé prática pela qual os cristãos vivem tem sido buscada cada vez mais em uma voz humana “inspirada pelo Espírito” dentro da igreja, em vez de ser buscada na voz do Espírito gravada na Bíblia.

Em grandes setores do evangelicalismo, carismático e não carismático, a “revelação” contínua é entusiasticamente bem recebida. Em uma geração anterior, isso atingiu expressão mais clara naqueles que esperavam achar orientação por “ouvir o Espírito”. Os principais reformadores, como Lutero e Calvino, os grandes puritanos, como John Owen, e os evangelistas do Grande Avivamento estavam acostumados a ver este tipo de “espiritualidade”. Aumentando ou, às vezes, ignorando a voz do Espírito na Escritura, supunha-se que a voz do Espírito devia ser ouvida diretamente. Naquele tempo, como agora, alguns afirmavam crer na infalibilidade da Bíblia, mas não entendiam nem apreciavam corretamente a suficiência das Escrituras.

Infelizmente, o que antes era pouco mais do que uma tendência mística se tornou um dilúvio. Aqueles que se apegam à doutrina dos reformadores em relação à plena suficiência da Escritura, iluminada pela obra do Espírito no coração, são uma espécie em extinção. Na teologia acadêmica, assim como nas raízes do evangelicalismo, a posição dos reformadores está sendo, cada vez mais, considerada reacionária.

Esta equação (Palavra inspirada e escrita + voz viva = revelação divina) está no âmago da existência da igreja medieval. É uma das razões por que a Igreja Católica Romana – que, em qualquer caso, está comprometida com duas fontes de revelação – conseguiu conter e, depois, integrar o movimento carismático. Hoje, no início do terceiro milênio, estamos prestes – ou talvez mais do que prestes – a ser invadidos por um fenômeno semelhante.

3. A presença de Deus foi transmitida por um indivíduo que tinha poderes sagrados e os comunicou por meios físicos.

Como salientou o Concílio de Trento (1545-1563), a doutrina medieval de ordens (ordenação) imprimiu um caráter indelével nos sacerdotes (“Sobre os Sacramentos em Geral”, Cânone IX), que, por meio das palavras da missa (*hoc est corpus meum* – “isto é meu corpo”), poderiam transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Jesus. Embora os “acidentes” do pão e do vinho permanecessem, a “substância” se tornava o corpo e o sangue do Senhor. Assim, com suas mãos, o sacerdote poderia colocar, literalmente, Jesus na boca do comungante.

Hoje, algo semelhante e extraordinário é visível onde quer que a televisão esteja disponível. Não é mais Jesus que é dado pelas mãos do sacerdote; agora, é o Espírito que é dado por meios físicos, aparentemente à vontade, pelo novo sacerdote evangélico. Derrubar, curar, soprar e tocar para conceder a bênção – estes são os sacramentos do novo milênio. Quão consolador é lembrarmos que foi dito aos reformadores que eles não tinham realmente o evangelho porque a igreja deles não tinha milagres físicos!

O que devemos achar alarmante no que diz respeito ao evangelicalismo contemporâneo é a extensão em que somos, igualmente, mais impressionados por realizações do que por piedade. Em meio à abundância de reivindicações de manifestações físicas do Espírito, conhecer e ser conhecido por Cristo em uma vida de pura piedade tem sido ignorado.

4. *A adoração está se tornando cada vez mais um evento de espectador, de poder visual e sensorial, em vez de um evento verbal em que nos engajamos em um profundo diálogo da alma com o Deus trino.*

O evangelicalismo contemporâneo tende a focalizar-se no que “acontece” em um espetáculo e não no que é ouvido na adoração. Os aspectos de estética, artísticos ou musicais, recebem a prioridade em detrimento do curvar-se à autoridade do que Deus diz. Mais e mais é *visto*; menos e menos é *ouvido*. Há um

banquete sensorial, mas uma escassez de ouvir. Isto é puramente medieval, mas não evangélico.

A pregação não causava nenhuma influência na Idade Média. Por isso, dava-se entretenimento às pessoas – as encenações de mistério medievais. Hoje acontece o mesmo. O profissionalismo na apresentação substitui o poder no púlpito. A liderança de adoração está em perigo de se tornar um substituto barato e defeituoso do acesso genuíno ao céu. Dramatização e não pregação, visuais tecnológicos e não entendimento da Palavra tornaram-se o *didache* escolhido. A tragédia é que, não importando as boas intenções presentes neste medievalismo, seus proponentes não parecem compreender que as encenações medievais eram uma confissão de empobrecimento do púlpito.

Evidentemente, isto é um espectro e não um ponto crucial. Entretanto, a maior parte da adoração se encontra em algum lugar deste espectro. Houve um tempo em que quatro palavras simples eram suficientes para causar arrepios no pescoço de nossos antepassados: “Vamos adorar a Deus”. Isso não acontece nos evangélicos do século XX – ou do século XXI. Agora, precisa haver cores, movimento e efeitos audiovisuais. Deus não pode ser conhecido, amado, louvado e crido apenas por causa de si mesmo.

Perdemos de vista as coisas importantes – o fato de que Cristo mesmo é o verdadeiro santuário do povo da nova aliança, que a verdadeira beleza é a santidade, que, quando o Senhor está em seu templo, todos são fascinados com um coração de silêncio diante dele. Estas são as glórias da adoração.

Temos perdido de vista, muito sutilmente, a transportabilidade da adoração existente na nova aliança. Por comparação com a adoração da antiga aliança, que dependia do templo, a adoração da nova aliança era simples e, *por isso mesmo, universalizável*. Isso fazia parte da visão que movia os nossos antepassados evangélicos. Muito de nossa adoração se tornou dependente de lugar, tamanho e, infelizmente, até de tecnologia.

Não há igreja alguma que possa apontar presunçosamente o dedo de desprezo e escárnio para evangélicos que venderam sua herança por uma sopa de lentilhas moderna. Em quantos de nossos cultos há esse poderoso senso da presença de Deus que leva os de fora a se prostrarem em terra e clamarem: “Deus está, de fato, no meio de vós” (1 Co 14.25)?

Temos de oferecer o nosso melhor a Deus na adoração coletiva. Mas fazemos isso somente quando compreendemos que a verdadeira adoração não é um evento de espectador, no qual nos deleitamos no que outros fazem. A adoração verdadeira é um evento congregacional, no qual Cristo é mediador de nossas orações, conduz e dirige os nossos louvores e prega a sua Palavra para nós. Somente ele é o líder de adoração ordenado por Deus, o verdadeiro ministro no santuário (Hb 8.2). Não ousamos obscurecer este caráter congregacional, centrado em Cristo, nem tornar a adoração dependente de qualquer outra coisa que não seja o achegarmo-nos a Deus em Espírito, por meio de Cristo, com mãos limpas e um coração puro. O Pai procura esses adoradores para adorá-lo!

A tragédia da adoração medieval era que Deus não era mais ouvido com clareza penetrante na exposição da Escritura. E, quando o senso da presença do Espírito deixou de ser uma realidade, a ordem do dia se tornou o ritual colorido e visual em lugar da verdadeira liturgia, o mistério (latim!) em lugar do falar simples, a cor em lugar da clareza de entendimento doutrinário, o drama (as encenações medievais) em lugar da doutrina que lhes daria o conhecimento de Deus. A Palavra de Deus não alimentava mais as almas, nem as deixava moral e espiritualmente fortes. Um vácuo espiritual foi criado; o colapso era inevitável.

Há algum tempo, tem havido no evangelicalismo evidências de que estamos num curso perigoso em direção ao neomedievalismo. Mas, infelizmente, os observadores e críticos liberais, e não os líderes evangélicos, têm sido os primeiros a ressaltar o declínio.

No verão de 1978, tive o privilégio inesquecível de falar em uma conferência ao lado do grande pregador galês Dr. D. Martyn Lloyd-Jones. Naquela ocasião, uma de suas palestras era intitulada “Fenômenos Extraordinários em Avivamentos da Religião”. Esta palestra foi em si mesma um fenômeno extraordinário. Teve 90 minutos de duração, que pareceram 15 minutos. Fui cativado e fascinado ao ouvir sobre incidentes – na maioria no País de Gales – que testemunhas oculares lhe haviam descrito.

Lloyd-Jones mencionou um evangelista relativamente recente e bem conhecido do País de Gales cuja “marca peculiar” era o fato de que ele tocava um instrumento durante as reuniões evangelísticas que realizava. Em uma ocasião, seu pai insistiu em que deixasse de lado o instrumento, comentando que sua geração de ministros não tinha necessidade de tais aprimoramentos. “Não, papai”, foi a resposta, “porque *vocês tinham o Espírito Santo*”.

Assim, condenamos a nós mesmos.

A tragédia é que em nossa adoração estamos em perigo de produzir uma geração de cristãos professos que permanecem crianças espirituais, alimentando-os no âmbito emocional com o que produz satisfação por breve tempo, mas nunca edificando-os verdadeiramente em Cristo.

Certa vez ouvi o Dr. James Montgomery Boice expressar este princípio quando introduziu a oração congregacional em favor dos professores da Escola Dominical na Tenth Presbyterian Church, na cidade de Philadelphia. Ele comentou que ensinamos às crianças, desde o começo, pequenas porções da Escritura, sobre as quais elas edificam, até que, por fim, se tornam capazes de recitar alguns capítulos da Bíblia, como Romanos 8. Hinos (sim, hinos!) são cantados e aprendidos por causa de seu poder de ensinar doutrina (sim, doutrina!).

Por que este contraste (se não oposição) notável com as tendências da moda? Aqui, conforme lembro, isto foi o que o Dr. Boice apresentou como a razão principal: “Vivemos em um tempo em que adultos, incluindo cristãos, querem se

comportar como crianças. Aqui, em nossa Escola Dominical, estamos treinando nossos filhos para crescerem e serem cristãos adultos”.

Quão presunçosos nos tornamos – nós que sabemos tanto sobre psicologia infantil para nos inquietarmos com o Catecismo ou talvez até com as Escrituras! Infelizmente, alguns de nossos líderes não sabem tanto de teologia quanto uma criança na Genebra de Calvino; alguns têm metade da compreensão do principal objetivo do homem do que uma mocinha na remota e tranquila Escócia do século XVII poderia ter, e parecem saber muito menos sobre como vencer o pecado do que um adolescente na Oxford de John Owen.

5. O crescimento do ministério é medido por multidões e catedrais (“megaigrejas”) e não pela pregação da cruz e pela qualidade de vida dos cristãos.

Foram os líderes da igreja medieval – bispos e arcebispos, cardeais e papas – que construíram catedrais, aparentemente para a glória de Deus – *solí Deo glória*. Mas fizeram isso ao custo da negligência da proclamação do evangelho, da vida do corpo de Cristo como um todo, das necessidades dos pobres e da evangelização do mundo. As “megaigrejas” não são um fenômeno moderno, elas são um fenômeno medieval.

O tamanho de congregação ideal e a arquitetura da igreja são questões sobre as quais as Escrituras não se pronunciam especificamente; e esse não é realmente o problema central. Em vez disso, a questão central é o apego quase endêmico por parte do evangelicalismo contemporâneo a tamanho e números como um indicativo do sucesso do “ministério”.

Aqui, também, há algo remanescente da Idade Média. Afinal de contas, foi a construção de um santuário para uma megaigreja (a Basílica de São Pedro) que provocou a Reforma! Quanta venda e compra de indulgências acontecem na vida da igreja contemporânea? Quanto do desejo medieval por uma *kathedra* (trono) para o líder dos líderes acha expressão nos enormes e impressionantes edifícios que construímos “para a glória de Deus”?

Isto não é um apelo a uma nova iconoclastia evangélica; o menor não é necessariamente melhor ou mais bonito. No entanto, é um apelo a fazermos perguntas sobre realidade, profundidade e integridade na vida da igreja contemporânea e no ministério cristão. Inevitavelmente, o anseio por “maior” nos torna vulneráveis nos aspectos material e financeiro. Mas o pior é que nos torna espiritualmente vulneráveis; porque é difícil dizermos àqueles de quem dependemos financeiramente: “Quando nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, disse: ‘Arrependei-vos’, ele queria dizer que toda a vida dos que creem deve ser uma vida de arrependimento”.

À luz de nosso evangelho adulterado e de nossas práticas eclesiais corruptas, o que devemos fazer com a impressionante Tese 93 de Martinho Lutero?

Benditos todos aqueles profetas que dizem ao povo de Cristo: “A cruz, a cruz”, onde não há cruz.

Ou com a Tese 94? Podemos proclamar isto com uma consciência limpa?

Os cristãos devem ser exortados a serem diligentes em seguir a Cristo, sua Cabeça, através de penalidades, mortes e infernos.

Ou com a Tese 95?

E, assim, serem mais confiantes de entrar no céu por meio de muitas tribulações e não por meio de uma falsa segurança de paz.

Quando olhamos para as igrejas evangélicas de nossos dias, podemos muito bem desejar que as teses de Lutero tivessem sido deixadas no latim em que ele as escreveu pela primeira vez, mantendo-as assim em seu cenário original de disputa

acadêmica. No entanto, somente quando estas notas ressoam em nossas igrejas – somente quando atentamos às Escrituras – podemos estar seguros de que estamos edificando com ouro, prata e pedras preciosas e não com madeira, feno e palha. Somente o que edificamos à maneira de Deus durará para a eternidade. Tudo mais será consumido por fogo (1 Co 3.12-15).

1. Bainton, *Here I Stand*, p. 48

2. *The Epistle of Paul the Apostle to the Hebrews, The Epistles of Peter* [Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1963], p. 240

3. *The Epistles of Paul the Apostle to the Romans and the Thessalonians* [Grand Rapids, Mich: Eerdmans, 1960], p. 167

Capítulo 5

O CAMINHO DE VOLTA

Se o arrependimento é um processo de restauração de pecadores que continua por toda a vida, como já vimos, ele deve ser uma necessidade inescapável, contínua e permanente. Mas, como este arrependimento é produzido?

Aqui, o importante é que não abordemos esta questão meramente em termos do que está errado no evangelicalismo contemporâneo. Esse exercício pode ser necessário, mas é apenas parcial. O que dá poder ao arrependimento não é a *culpa* evocada somente pela lei (Rm 7.7), e sim a *graça* proclamada apenas no evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. É a bondade de Deus que leva ao arrependimento (Rm 2.4). Somente porque há perdão com Deus é que vivemos uma vida de temor e arrependimento (Sl 130.4).

Onde quer que vejamos o arrependimento nas Escrituras, esse é o padrão. A revelação da santidade de Deus na lei e nos mandamentos de Deus cria o fardo de culpa. Mas, depois, a graça capacita a pessoa carregada de culpa e de coração quebrantado a se arrepender. O arrependimento é possível por causa da grande promessa de perdão. Sabendo isto, podemos clamar, em lágrimas: “Compadecete de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me... purifica-me... Faze-me ouvir júbilo e alegria... Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas

iniquidades... Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável... Restitui-me a alegria da tua salvação” (Sl 51.1-12).

Isto acontece somente quando ouvimos o clamor: “A cruz! A cruz!” Infelizmente, neste ponto o evangelicalismo se tornou como um Jonas contemporâneo, que procura o prestígio no mundo e não a honra diante de Deus. Procura preservar o seu próprio *louvor* entre os de sua espécie. Canta sobre, mas não acha, a cruz “maravilhosa”. A cruz é descrita, mas não é carregada.

Só pode haver exaltação quando somos humilhados sob a poderosa mão de Deus. Precisamos primeiramente ver, como Jonas, quão profundamente temos caído, a fim de percebermos a nossa necessidade de graça e da cruz, encontrando, assim, perdão e restauração. Como Jonas, há duas coisas das quais os evangélicos contemporâneos fogem.

Primeira, *a Palavra do Senhor que vem até nós* com grande clareza (Jn 1.2). Ora, nós cremos na nitidez da Escritura. Nosso problema, como no caso de Jonas, não está em partes das Escrituras que achamos difíceis de entender. Como Jonas, nos afastamos da Palavra do Senhor que *nós entendemos*. Não lemos estas passagens, não as amamos e nos tornamos quase incapazes de meditar nelas; somos negligentes, se não realmente insensíveis, quanto a nos submetermos a elas.

Segunda, *nos afastamos frequentemente da presença de Deus* (Jn 1.3, 10). Não podemos ficar quietos e silenciosos diante de Deus. A oração se tornou a coisa mais árdua no mundo para fazermos. Pobre Jonas! Pobre evangelicalismo!

No entanto, há um caminho de volta. Há um sinal de Jonas – a cruz. E Deus tem sua maneira de preparar ventos para nos perseguirem, um grande peixe para nos engolir, ventres escuros que, como disse Calvino, se tornam hospitais para nos curarem de nossa enfermidade mortal. Precisamos de aflições para nos fazerem invocar o Senhor e voltar à sua presença e à sua Palavra?

Eruditos liberais em Antigo Testamento têm sugerido frequentemente que a oração de Jonas 2 é apenas uma peça engenhosa de criatividade do autor, porque é

virtualmente um entretecimento de citações dos Salmos. (Eles nunca frequentaram uma reunião de oração da igreja?) Mas esse é precisamente o ensino. Jonas queria ter muito da Escritura. Como todos aqueles que se arrependem profundamente, ele queria devorá-la, transformá-la em oração, banhar-se na Escritura e se alimentar dela; e ansiava por colocar em prática tudo que ela ordenava. O que havia votado, isso ele cumpriria (Jn 2.9).

Jonas buscou a presença de Deus e a adoração a Deus. Banido em exílio, ele queria que seu cativeiro terminasse. Queria estar no templo – onde a representação do perdão poderia ser vista, onde o louvor a Deus poderia ser ouvido, onde o povo de Deus poderia estar reunido, onde ele poderia reafirmar seus primeiros votos de compromisso com o Senhor.

Quando Jonas se arrependeu, seu coração foi movido por compaixão pelos perdidos que “se entregam à idolatria vã [e] abandonam aquele que lhes é misericordioso” (Jn 2.8). Mas isso aconteceu somente depois que Jonas compreendeu o poder que os ídolos de seu próprio coração tinham sobre ele e quão firmemente se apegara a esses ídolos. Somente então lhe ocorreu, com novo poder, o entendimento de que “do SENHOR vem a salvação” (Jn 2.9 - ARC). Quando esse esclarecimento vem, o verdadeiro arrependimento evangélico se torna a dor mais agradável em todo o mundo.

Que tenhamos um batismo desse esclarecimento!

Capítulo 6

O QUE FAREMOS?

O evangelicalismo é uma tradição nobre. Não aprenderemos dele? Nossos antepassados determinaram viver na presença de Deus. Eles se reuniam para buscar a presença de Deus e ouvir sua voz na exposição e aplicação da Escritura. Edificaram comunidades de cristãos com pedras preciosas, lavradas com alto custo, de pedreiras profundas. Evitaram madeira, feno e palha. Sabiam que compareceriam diante do tribunal do Cristo para receberem pelas coisas que haviam feito no corpo (2 Co 5.10). Viveram, labutaram, oraram e edificaram para a eternidade. Devemos fazer o mesmo.

Eles pediram a bênção de Deus e foram ouvidos. Infelizmente, não a temos porque não pedimos. E, mesmo quando pedimos, muito frequentemente é apenas para satisfazer nossos desejos pecaminosos (Tg 4.2-3). Temos de saber que o reino veio em Jesus Cristo. Temos de nos arrepender e crer no evangelho.

Precisamos começar a trilhar o caminho de restauração mediante a confissão de nossa culpa. Diferentemente de nossos antepassados, fazemos isso com muita infrequência. O evangelicalismo tende a mostrar uma aparência de superioridade moral e não a face manchada de lágrimas do arrependimento. Somos tão inabilitados em confissão que precisamos de olhar desesperadamente ao nosso redor e perguntar: quem pode assumir a responsabilidade de ser o porta-voz da confissão de pecados como os nossos? Somos neófitos neste assunto. Erramos

quanto ao arrependimento e não sabemos para onde nos voltarmos em busca de ajuda.

No entanto, aqui também nossos antepassados podem nos ajudar.

A confissão e os catecismos de Westminster elaborados pela Assembleia de Westminster, entre 1643 e 1648, são bem conhecidos. Menos conhecido é o fato de que quatro anos depois os ministros da Igreja da Escócia, havendo adotado estas grandes afirmações doutrinárias, reconheceram a sua necessidade de confessar não somente as doutrinas da fé, mas também os pecados de suas próprias vidas como um ponto de partida essencial para o arrependimento contínuo.

Aqueles foram dias críticos, mas, de modo algum, foram dias espiritualmente estéreis. Houve muitas evidências da bondade preservadora de Deus e inúmeros ministros de coragem, poder, graça e frutos notáveis. Foram dias em que os gigantes puritanos se reuniam nas ruas de Londres, Oxford e muitos outros lugares. Houve certamente evidências de instigações ainda maiores da parte de Deus, quando aqueles líderes cristãos confessaram coletivamente suas falhas.

O que citamos em seguida é parte da confissão dos pecados deles como *líderes cristãos*. Que Deus use isto para nos ajudar a examinarmos a nós mesmos.

Orientação em Confissão

Ignorância de quem Deus é, falta de intimidade com Deus, pouca ocupação com a pessoa de Deus, sem ler, sem meditar e sem falar sobre ele. Egoísmo sobremodo grande em tudo o que fazemos; agindo por nós mesmos, para nós mesmos e em benefício de nós mesmos.

Não nos importarmos com quão infiéis ou negligentes outros foram, de modo que tais atitudes contribuam como um testemunho para a nossa fidelidade e diligência; mas, em vez disso, nos contentarmos e até nos alegrarmos com os erros deles.

Pouco deleite nas coisas em que há uma mais íntima comunhão com Deus; grande inconstância em nosso andar com Deus e negligência em conhecê-lo em todos os nossos caminhos. Ao realizarmos nossos deveres, mostramos diligência mínima naquelas coisas que estão mais distantes dos olhos dos homens. Raramente, nos envolvemos em oração secreta a Deus, mas oramos para

satisfazer um compromisso público; e mesmo esse tipo de oração é bastante negligenciado ou realizado com muita superficialidade.

Alegarmo-nos em achar desculpas para a negligência de nossos deveres. Negligenciarmos a leitura da Bíblia em particular; leitura essa que nos edificaria como cristãos... Não nos dedicarmos a ponderar sobre nossos próprios caminhos, não permitindo que a convicção tenha uma obra completa em nós; enganar a nós mesmos por descansarmos na ausência de males, à luz de uma consciência natural; e vermos isso como uma evidência de uma mudança real de estado e de natureza.

Não estimarmos como honráveis a cruz e os sofrimentos por causa do nome de Cristo, mas, em vez disso, removermos o sofrimento, motivados por amor próprio.

Não levarmos a sério os tristes e árduos sofrimentos do povo de Deus em outros países e o não florescimento do reino de Jesus Cristo e do poder da piedade entre eles.

Hipocrisia requintada; desejarmos parecer o que, de fato, não somos. Estudarmos para aprender mais a linguagem do povo de Deus do que a sua prática. Confissão artificial de pecados, sem arrependimento. Professarmos que confessamos a iniquidade, sem ficarmos tristes por causa do pecado. Desprezar com insistência a confissão em secreto, mesmo daqueles pecados sobre os quais já fomos convencidos.

Mais prontidão em procurarmos e censurarmos os erros dos outros do que em vermos ou tratá-los em nós mesmos. Julgarmos a nossa condição e o nosso viver pela estimativa que os outros têm a nosso respeito.

Apreciação dos homens, na medida em que concordam ou não conosco.

Conversa infrutífera regularmente com outros, para o pior e não para o melhor. Desperdício insensato de tempo com... discurso inútil.

Menosprezarmos a comunhão com aqueles com os quais podemos nos beneficiar espiritualmente, desejando mais conversarmos com aqueles que podem nos aprimorar com seus talentos do que com aqueles que podem nos edificar com suas virtudes.

Não estudarmos oportunidades de fazermos o bem aos outros. Evitarmos a oração e outros deveres quando chamados a eles... amando nossos prazeres mais do que a Deus.

Não orarmos em favor de homens que têm opinião contrária à nossa, mas, em vez disso, nos afastarmos e nos mantermos distantes deles. Sermos mais dispostos a falar *deles* do que para eles, ou, indispostos a falarmos com Deus *em favor* deles.

Não pregarmos a Cristo na simplicidade do evangelho, nem sermos nós mesmos servos das pessoas por amor a Cristo. Pregarmos a Cristo não para que as pessoas o conheçam, e sim para que as

peessoas achem que sabemos muito sobre ele... Não pregarmos com profunda compaixão por aqueles que estão em perigo de perecer.

Amargura, em vez de zelo, ao falarmos contra pessoas malignas, sectárias e outras pessoas escandalosas... Visar demais ao nosso próprio crédito e aplauso; ficarmos satisfeitos com ele quando o recebemos e insatisfeitos quando não o recebemos... Não tornarmos conhecido todo o conselho de Deus para o seu povo.¹

Há realmente muito mais que precisamos confessar. Não deveríamos começar agora? Não permanece verdadeiro o fato de que, se não nos arrependermos, nossas igrejas, todas, perecerão?

1. Horatius Bonar, *Words to Winners of Souls* [Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1995], pp. 25-34



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel